



Sobre o experimento: julgamento de quantidades discretas em grandes símios*

Beto Vianna
lingüista



Os experimentos de que participei no Instituto Max Planck de Antropologia Evolutiva, em 2003 e 2004, fazem parte da indagação, no contexto da psicologia comparada, sobre as habilidades contábeis dos grandes símios não-humanos. Eram apresentados dois recipientes com quantidades distintas de ração aos sujeitos, que “acertavam” ao tocar com o dedo (às vezes a língua) o recipiente com a maior quantidade. Em qualquer circunstância, o prêmio era o conteúdo do recipiente escolhido. Presumindo que os símios de fato *preferem* a quantidade maior, e apesar da advertência de que a pesquisa não objetivava “avaliar a competência numérica (...) dos sujeitos” (ver artigo de HANUS e CALL, 2007, p. 248), não há dúvidas de que perguntar pela *habilidade* de discriminar quantidades em uma classe de organismos, é perguntar por uma característica comum a toda essa classe. No caso, trata-se explicitamente uma *capacidade cognitiva* que pode ou não “ser possuída” pelos grandes símios não-humanos, e passível de investigação experimental.

Uma variável do experimento é a grandeza das quantidades: os recipientes podem conter 2 e 3 unidades, ou, digamos, 7 e 10. E de fato, para a maioria de nós, a conta costuma ficar mais difícil quando envolve mais unidades¹. Além da grandeza, *a diferença* e *a razão* entre os montantes também interferem na comparação entre quantidades. Os pares 2-4 e 8-10 possuem diferenças semelhantes (2) e razões distintas (0,5 e 0,8), ao passo que 2-4 e 4-8 possuem a mesma razão (0,5) e “diferenças diferentes” (na pesquisa, constatou-se que o aumento da razão era o grande fator de diminuição dos acertos). No Experimento 1², há duas condições de apresentação. Os recipientes são apresentados abertos, *simultaneamente*, ou seja, o sujeito pode checar o conteúdo dos recipientes na hora de escolher; ou os recipientes são abertos *sequencialmente* e apresentados fechados: é preciso lembrar o que se viu para decidir.

* Trecho adaptado de artigo a ser enviado para publicação na *AIBR – Revista de Antropología Iberoamericana*.



Podemos imaginar que é mais fácil discriminar objetos bem à nossa frente do que operar sobre algo distante da percepção imediata. Pensamos, além disso, que a “ausência de linguagem” deve impor um limite adicional à capacidade de representar realidades não percebidas aqui e agora. Mas os resultados da pesquisa não mostram nenhuma diferença significativa entre as condições simultânea e seqüencial, o que, segundo os autores, confirma “dados anteriores mostrando que símios *são capazes* de discriminar entre quantidades mesmo impedidos de ver ambas as quantidades simultaneamente” (ver HANUS e CALL, 2007, p 244; tradução e ênfase minhas).

Ou seja, segundo as teorias subjacentes ao experimento, cognição parece ter a ver com a uma capacidade que se possui ou não, e em um nível maior ou menor de complexidade dependendo da classe de organismos a que se pertence, mesmo que isso dependa de uma interação do organismo com os dados do mundo (*ver* ou não *ver* as quantidades simultaneamente; *distinguir* entre quantidades maiores e menores). Mas é desse jeito que funcionamos como organismos? Ver mais discussões sobre pesquisas em linguagem e cognição símia em Gómez-Soriano y Vianna (2005) e Vianna e Gómez-Soriano (2007)³.

Notas

¹ Podemos estimar quantidades pequenas sem contar item por item, mas por um processo de “percepção global”, ou *subitizing*, em inglês (HANUS e CALL, 2007). Além de um certo montante, porém, esse sistema deixa de funcionar, tanto para humanos quanto para outros organismos.

² No Experimento 1, as unidades eram apresentadas em conjunto, em recipientes rasos, e no Experimento 2, as unidades eram “pingadas” uma a uma, à vista do sujeito, em um copo opaco.

³ Este texto é um trecho adaptado de artigo a ser enviado para publicação na *AIBR – Revista de Antropología Iberoamericana*.

Referências

- GÓMEZ-SORIANO, Rubén y VIANNA, Beto (2005). “Eslabones encontrados: Los grandes simios y el imaginario occidental”. *AIBR - Revista de Antropología Iberoamericana Ed. eletrónica*, Núm. especial. Noviembre-Diciembre, p. 1-46. Madrid.
- HANUS, Daniel and CALL, Josep. (2007). Discrete quantity judgments in the great apes (*Pan paniscus*, *Pan troglodytes*, *Gorilla gorilla*, *Pongo pygmaeus*): The effect of presenting whole sets versus item-by-item. *Journal of Comparative Psychology*, 121(3) 241-249.
- VIANNA, Beto e GÓMEZ-SORIANO, Rubén (2007). “Grandes símios em linguagem: uma crítica do conceito de evolução à luz das abordagens sistêmicas”. *Anthropos 2007 - I Congreso Iberoamericano de Antropología*, Havana, Cuba.